



לולא יה



a festa do 18 de
Elul

- Sumário -

A vida em Elul!.....	p. 3
Rabi Eliahu Baal Shem.....	p. 4
Rabbi Israel Baal Chem Tov.....	p. 7
Rabbi Douber, o Maguid de Mézéritch.....	p. 10
Rabbi Shneur Zalman, o Admor Hazaken, o “velho Rabbi”.....	p. 12
O MÊS DE ELUL.....	p. 14
Rabbi Chnéor Zalman (o Admor Hazaken).....	p. 16
Rabbi Shneur Zalman de Lyadi e sua geração.....	p. 19
1. O Baal Shem Tov e o Rabbi Shneur Zalman.....	p. 19
2. Em direção a Petersburgo.....	p. 21
3. Na prisão.....	p. 21
4. A visita do Tzar.....	p. 22
5. Cacherout na prisão.....	p. 23

18 de Elul CHAI ELUL

A vida em Elul!

Toda a vitalidade do mês de Elul está contida no dia 18 do mês e 18, em hebraico, se diz (Chai), vivo.

O Rebe Raiats dizia em nome dos chassidim de antigamente, sobre o aumento do dia 18, que este dia introduz a vitalidade do mês. O que é o mês de Elul? É a retificação do ano que passou por meio da Tshuvá e esta Tshuvá ocorre no mês de Elul; então mereceremos no ano que vem um ano bom e doce.

Dia 18 de Elul introduz toda a vitalidade que vamos precisar para fazer o trabalho próprio do mês e em geral, vai dar a força para fazer a Tshuvá.

Mas essa Tshuvá não a fazemos como um robô, de maneira repetitiva; precisamos de uma motivação própria, profunda e adequada. E não só isso, precisamos vitalidade e vigor (Chaiut).

Chai Elul é o dia do nascimento do Baal Shem tov. É o seu nascimento físico e o aniversário da sua alma, que desceu no seu corpo nesse dia, após tantos anos. O Baal Shem Tov revelou a Chassidut em geral. Mais tarde o Admor Hazaquen fundou a Chassidut Chabad. E seu aniversário é também Chai Elul.

Nesse dia é a revelação da Chassidut em geral e da Chassidut Chabad em particular e esse dia traz toda a vitalidade às coisas do mês de Elul.

Mas há algo que não compreendemos. A vitalidade está ligada a Simchá, alegria. Se é assim, como querem estar mais alegres no mês de Elul, mês em que deve se fazer Tshuvá? Como introduzir a vitalidade no mês de Elul?

TSHUVÁ é lamentar-se das coisas do passado e o compromisso, a decisão de fazer o bem no futuro. Quando se faz Tshuvá, se está no 'amargor'; como estar então na alegria?

O Rambam diz que devemos fazer qualquer mitsvá com alegria. Quando cumprimos qualquer mitsvá estamos realizando a vontade de D'us. Agora me digam, quem é aquele que não está alegre ao fazer a vontade de Hashem, Bendito Seja? A Tshuvá é também uma mitsvá. E está bem claro que cada mitsvá, inclusive a Tshuvá, deve se fazer na alegria, já que ao cumpri-la estamos realizando a vontade de D'us. Faz-se uma mitsvá, qualquer que seja, é o bastante para ficarmos felizes!

Graças à Chassidut e à sua luz o dia 18 de Elul transforma o amargor de uma Tshuvá em alegria. A Simchá não está, portanto em contradição com o amargor.

Concretamente, como fazer Tshuvá com alegria? O Admor Hazaquen diz no Tania que o choro está fixo num lado do meu coração e a alegria está fixa do outro lado do meu coração. Realiza-se ao mesmo tempo e no mesmo lugar duas coisas opostas: Amargor e alegria. Quando um judeu faz Tshuvá e se empenha contra seu Ietser Hará, ele sente amargura sobre os atos passados. Mas quando chega o momento da alegria? Quando ele se aproxima de D'us e sabe que D'us

quer perdoá-lo; ele tem a certeza que D'us vai perdoá-lo. ESTE É O MOTIVO DA SUA ALEGRIA.

Rabi Eliahu Baal-Shem

Antanho em Cracócia - Um caso de Chalitsá - Uma união estranha - Nascimento de Eliahu - O Baal Shem de Worms.

Em torno de 5261 (1501) ou 5265 (1505) um certo judeu espanhol chamado Joseph-Jospa chegou em Cracóvia. Era não só um grande sábio mas também um verdadeiro santo. Nesta época ele já tinha cinqüenta anos e todo mundo ficou sabendo que o judeu espanhol era, de certa maneira, um ermitão, e que não tinha casado nunca; por tanto temer fazer algo errado ele ficava absolutamente aparte do mundo.

Passaram assim trinta anos. Os judeus de Cracóvia tinham o maior respeito por este "Tsadic" (santo) e achavam que, provavelmente, ele continuaria a viver como fazia até o fim de seus dias. Sobreveio então um incidente que fez com que mudassem de opinião.

Nesta época vivia em Cracóvia um rico e bem conhecido mercador chamado Lévi que mantinha inúmeros relacionamentos de negócio com a nobreza. Este Lévi era um grande filantropo cuja casa estava aberta para todos. Tinha um filho, Iossef, que casou com a filha de Avraham, um ourives, judeu temente a D'us.

Após o seu casamento, Iossef ajudou o pai no comércio e em breve tornou-se o cérebro do negócio. Não somente era isso mas, em conjunto, era um jovem extremamente inteligente. Conhecia vários idiomas e seu vasto saber comportava ampla compreensão e extensos conhecimentos das coisas do mundo.

Era evidente que um homem assim podia ser muito útil à nobreza, com quem fazia negócios, e os nobres reconheciam certamente suas excepcionais qualidades. Gostavam muito de discutir política com ele ou de conversar sobre qualquer outro assunto que estivesse na pauta da opinião pública neste momento.

Sabia falar tantas línguas que todo mundo tinha prazer em conversar com ele.

Seus correligionários também se davam conta a que ponto ele poderia ser-lhes útil; muitas vezes recorriam aos seus bons ofícios em função da amizade que tinha com a nobreza. Pediam-lhe continuamente para ser mediador entre eles e as autoridades, o que ele aceitava sempre de imediato, muito feliz por poder prestar-lhes um serviço.

Nesta época o comércio ia por si só e prosperava excessivamente; Iossef fazia muitas vezes longas viagens, em particular para Praga. Infelizmente, foi durante uma dessas viagens que seu companheiro e ele foram atacados de surpresa por bandidos e assassinados. Quando a notícia desta brutal tragédia chegou a Cracóvia a comunidade inteira enlutou-se.

Iossef deixara uma viúva que não tinha filhos e por isso ela precisou se submeter ao Din (Lei Judia) e obter Chalitsá do irmão do seu finado esposo. Em Cracóvia um velho costume ditava que se fizesse a Chalitsá com grande pompa e depois os membros do Beit-Din (Casa da Lei; Tribunal rabínico) se levantavam e abençoavam a mulher desejando-lhe que casasse de novo rapidamente e que tivesse filhos. O Shamash (guardião da Sinagoga) se adiantava e declarava que, se algum homem dentre os presentes quisesse casar com a mulher que acabava de obter a Chalitsá, bastaria adiantar-se e receber a bênção.

A cerimônia transcorreu segundo as regras. Naquele momento ninguém respondeu ao chamado do Shamash. Cerca de cinco meses depois, Joseph-Jospa, ou, como era habitualmente chamado em Cracóvia, “o judeu espanhol”, se apresentou subitamente diante do Beit Din e anunciou que desejava casar com a viúva, se ela consentisse, claro. Explicou que nunca tivera a intenção de casar mas agora, por razões que não queria revelar, tinha resolvido casar apesar da idade avançada. Em dizendo isso, afastou-se.

O Beit Din mandou então pedir à viúva que se apresente diante da sua autoridade. Ao chegar, antes mesmo de conseguir averiguar a razão pela qual tinha sido convocada, explodiu de repente em lágrimas.

- Porque chora? Lhe perguntaram.
- Tenho um terrível segredo que me pesa e não posso decidir se devo confiá-lo a vocês ou não, respondeu com voz sufocada.

Pressionaram a viúva para que falasse mais sobre esse problema que tanto a perturbava mas tudo que quis dizer é que se tratava de um sonho que tinha tido repetidas vezes, no qual o pai, morto há muitos anos, lhe aparecia. Ordenava-lhe todas as vezes que fizesse alguma coisa. Mas ela não podia se resolver a obedecer-lhe. Achava também difícil revelar ao Beit Din a natureza do pedido feito por seu pai morto há tanto tempo. O fato do sonho ter se repetido muitas vezes a atormentava tanto que ela não encontrava paz e ficaria agradecida se quisessem lhe dizer o que deveria fazer.

Após deliberar, o Beit-Din decidiu que valia mais a pena ela lhes contar o segredo. A mulher, coitada, em lágrimas, lhes contou que seu pai tinha lhe aparecido no primeiro sonho, vestido com sua roupa de Shabat, e, estendendo as mãos sobre sua cabeça, a havia abençoado dizendo: “E agora desejo-lhe ‘Mazal Tov’, porque foi decidido que você vai casar com o Santo Espanhol, Joseph-Jospa!”

A Chalutsá disse ao Beit Din que quando tinha acordado deste primeiro sonho tremia violentamente, mas não tinha dado nenhuma importância à coisa, pensando que era apenas um sonho comum. Mas menos de uma semana depois, seu pai lhe apareceu em sonhos de novo e lhe repetiu que devia casar com Joseph-Jospa. Dessa vez ela também não levou a sério o assunto e pensou que se tratava de outro sonho. Pouco tempo depois ela sonhou mais uma vez com o pai que aparecia, com aspecto muito sério desta vez, e lhe dizia que devia pedir a alguém para falar com Joseph-Jospa para acertar o casamento entre eles. Era inevitável, disse, já que isso havia sido decidido pela “corte celestial”. “Se você obedecer à minha ordem, disse o pai, você vai ter a felicidade de gerar um filho, mas se você desobedecer vai acabar mal.” Quando o sonho se repetiu mais três vezes ela pensou que devia ir falar com o Beit Din sobre o assunto, e tinha acabado de decidir fazê-lo quando o Shamash tinha chegado para lhe dizer que o Beit Din vinha chamá-la.

Os membros do Beit Din se entreolharam com espanto diante dessa estranha coincidência e disseram à Chalutsá que, por seu lado, Joseph Jospa tinha ido procurá-los para lhes dizer que desejava casar com ela, caso ela consentisse, claro.

A Chalutsá se convenceu então que a vontade divina havia decidido que ela devia casar com o Santo Espanhol e o casamento aconteceu sem mais demora.

Em Cracóvia, de acordo com o costume, o casamento de uma Chalutsá era considerado uma festa pública e a comunidade em peso assistiu à cerimônia. Outro costume de Cracóvia ditava que nessas circunstâncias todos os Cohanim (Sacerdotes descendentes de Aarão, o Sumo Sacerdote) em idade de Bar Mitsvá (condição do judeu adulto, que para um menino é a idade de 13 anos) e acima, vestissem seus Talit (Chale de oração com 4 franjas) e seus Quitel

(hábito branco que se usa em Iom Quipur), formassem uma cerca na nave nupcial e abençoassem a noiva e o noivo enquanto se dirigiam ao pátio nupcial. A refeição da cerimônia ocorreu também de acordo com um velho costume, pelo qual acontecia diante da Shul (sinagoga), ao ar livre, e os convidados comiam a comida que eles mesmos haviam trazido. Todos em Cracóvia tinham o sentimento que não era uma “união” ordinária mas que havia nisso um significado profundo que ultrapassava seu entendimento!

Antes do casamento, Joseph-Jospa tinha vivido sem se preocupar nem um pouco com seu conforto físico, dormindo num banco do Beit-Midrash (Casa de Estudos, Sinagoga e centro de estudos) e comendo um pedaço de pão seco e um gole de água. Mas agora, casado, as coisas eram diferentes. A comunidade judia de Cracóvia, que se sentia responsável pela manutenção do casal, se deu conta que precisava encontrar-lhes um lugar para morar e preocupar-se com as necessidades do casal.

No segundo ano do seu casamento Joseph-Jospa se tornou pai de um filho que chamou Eliyahu, como o profeta. A criança mal tinha dois anos e o pai já estava lhe ensinando Torá. Ele mesmo se encarregava de instruí-lo, não querendo confiar sua educação a nenhum outro mestre.

Com a idade de sete anos a criança já acompanhava o pai quando este ia ao Beit-Hamidrash à meia noite! Ele disse ao filho que não devia se permitir conversas que não fossem edificantes e também que não devia discutir assuntos da Torá com qualquer um. Joseph-Jospa levava o filho ao seu oratório particular e ali, na solidão, lhe ensinava Torá.

Cerca de duas semanas antes do Bar Mitsva de Eliyahu, Joseph-Jospa chamou a mulher e lhe disse que sentia seu fim próximo e pediu que não houvesse luto pela sua morte. “Você é relativamente jovem, minha querida mulher, disse o velho, e vai ter provavelmente a oportunidade de casar de novo. Mas meu desejo é que você não case de novo. Quanto ao nosso filho querido, sei que pouco depois do seu Bar Mitsva ele vai dizer que quer sair de casa e ir pelo mundo afora. Não o desanima e não o impede de realizar seu desejo porque você precisa saber que ele foi enviado para a terra com uma finalidade determinada e sua missão é de ir no meio do povo para elevá-lo e ajudá-lo! Ele é o primeiro de uma ampla rede de gerações que desempenharão um papel importante na história até a chegada de Mashiach. Elisha, o Profeta, ele mesmo, deu instrução ao nosso Eliyahu de modo que ele está perfeitamente preparado e disposto para a alta missão para a qual ele desceu viver nesta terra.”

Rabi Joseph-Jospa contou também à esposa que quando seu primeiro marido tinha sido morto, ele tinha recebido a ordem divina de casar com sua viúva, já que um filho iam gerar, que ele seria de uma natureza excepcionalmente alta, tanto espiritual quanto moralmente e que este filho teria uma missão precisa para cumprir.

Rabi Joseph-Jospa mandou chamar os chefes da comunidade de Cracóvia e, com o último alento, lhes agradeceu por tudo que haviam feito com ele, sua mulher e seu filho e lhes pediu para cuidarem da sua viúva e do seu filho órfão após sua morte. Deu a todos sua bênção e fechou os olhos para sempre.

Eliyahu “recitou” o Cadish pela alma do pai, e, pela primeira vez, os judeus de Cracóvia viram que gênio tinham entre eles, na pessoa desse jovem menino! Estavam estupefatos diante da sua brilhante erudição e escutavam maravilhados enquanto ele estudava Torá no Beit HaMidrash. Viam também a santidade desta criança excepcional e se apressaram todos, com grande interesse, para assistir à seu Bar-Mitsvá.

Algumas semanas depois, Eliyahu se aproximou da mãe e lhe disse que queria viajar, sem mencionar um destino preciso. A mãe, advertida pelo finado marido, não disse uma palavra de oposição quanto à decisão do jovem filho, embora, pelas evidências, ela não a acolhera com grande entusiasmo. Deu então sua bênção ao filho e ele partiu.

Ninguém ouviu falar de Eliyahu, nem mesmo sua mãe, durante um período de cerca de quarenta anos. De fato, ele tinha partido em 5310 (1550) e foi só em 5350 (1590) que apareceu de repente, na cidade de Worms, Alemanha. Nesta época ele já era conhecido pelo nome de “Rabi Eliyahu Baal-Shem”.

Quando chegou em Worms trouxe sua esposa com ele. Seus filhos, um filho e duas filhas, estavam todos casados e moravam bem longe, diziam.

Rabi Eliyahu “Baal Shem” se tornou rapidamente muito célebre como curador e “fazedor de milagres” e todos corriam para ele, de perto e de longe.

Dizia-se que certas pessoas muito doentes que chegaram perto dele tinham saído de lá curadas após receberem seus cuidados. Em muitos casos, nem remédios ele utilizava, só falava com os doentes, encontrava o mal que os afetava e os curava, algumas vezes conjurando-os a mudar o modo de vida, elevando-o a um nível espiritual mais alto. Este modo de curar era coroado de sucesso e quaisquer que fossem seus “tratamentos” sua fama se difundiu para bem longe e sua casa estava sempre aberta para aqueles que tinha necessidade dele.

Ele fundou também uma Ieshiva (Academia Talmúdica) e ele mesmo assegurava o seu sustento.

A maioria dos doentes de Rabi Eliyahu era pobre. Vinham a ele de todos os lugares e ficavam em sua casa durante semanas e até meses. O “Baal Shem” viveu em Worms durante dez anos e sua fama foi crescendo com os anos. Falava-se dos seus “milagres” a centenas de léguas à volta!

O Maharal de Praga afirmou que Mashiach viria da descendência de Eliahu Baal Shem. Israel Baal Shem, conhecido como Baal Shem Tov é originário direto dessa linhagem.

Rabbi Israel Baal Chem Tov

Os anos de 5408 e 5409 (1648 e 1649) foram particularmente dolorosos para o povo judeu na Polônia, na Rússia e na Lituânia. O chefe sanguinário dos Cossacos, Chamelnitski, acompanhado de seu bando de criminosos, atacava, matava, saqueava sem misericórdia as diferentes comunidades. Milhares de vítimas morreram pela Santificação do Nome Divino. O povo judeu conheceu o sofrimento moral e físico, a pobreza. Algumas pessoas que puderam, por um milagre de D’us, conservar alguns bens, se tornaram dirigentes e líderes das comunidades. Estes não eram necessariamente eruditos e, freqüentemente, não eram honrados pelas suas qualidades de coração. Sedentos de honras, eles difamavam o Rav (o Rabino), chefe espiritual da comunidade, e aqueles que consagravam (dedicavam) sua vida ao estudo.

Foi neste período, particularmente crítico, que abusando da esperança dos Judeus na liberação, falsos messias se revelaram, semeando decepção e tristeza. Os Judeus simples descendentes do povo foram aqueles que mais sofreram. Alguns eruditos que podiam ainda dedicar suas vidas ao estudo abandonava-os e o risco de uma cisão irremediável no coração do povo judeu se desenvolveu. Foi então que D'us, tendo piedade de seu povo, lhe enviou o Baal Chem Tov, que veio relembrar a unidade do povo Judeu, a possibilidade, para cada um, de se aproximar de D'us e de captar (percevoir) Sua grandeza na criação.

Fundador da Chassidut, o Baal Chem Tov nasceu no dia 18 Elul 5458 (1698), em Okup, na Podolia. O profeta Elyachu anunciou seu nascimento aos seus pais, Rabbi Eliezer e a Rabbanit Sarah, mesmo eles já tendo idade avançada. Ele perdeu seus pais quando tinha 5 anos de idade, e foi logo criado pelos Judeus de Okup. Ainda criança, ele tinha o hábito de se isolar, ficando nos campos e nas florestas, se dedicando ao estudo dos manuscritos da Kabbala que lhe foram dados, com a ajuda dos Tsaddikim ocultos. Com quatorze anos de idade, ele entrou para a “confraria dos Tsaddikim ocultos”, dirigida pelo Rabbi Adam Baal Chem de Ropchits. O Rabbi Adam era o terceiro dirigente desta confraria fundada pelo Rabbi Elyahu Ball Chem de Worms, a qual sucedeu o Rabbi Yoel Baal Chem de Zamutcht. Em 5476 (1716), ele passou a liderar a confraria e determinou que ela teria como missão a educação do povo Judeu. Os Tsaddikim ocultos se espalharam pelas cidades e aldeias onde se tornaram professores e docentes. Sob seu estímulo, eles conseguiram, entre 5475 e 5490 (1715 e 1730), reaproximar milhares de Judeus do conhecimento e da prática da Torá, sendo que muitos deles, em seguida, se tornaram Chassidim do Baal Chem Tov (discípulos).

O Rabbi Israel estudou a Torá ao lado do profeta Elyahu e de seu mestre, Achya de Chilo. Ele tinha, de fato, a alma do Mashiach Bem Yossef. Sabemos particularmente que o profeta Elyahu se revelou para ele pela primeira vez no dia 18 Elul 5474 (1714). Quanto ao Achya de Chilo, ele o ensinou a Torá a partir de 5484 (1724), quando ele havia vinte e seis anos.

Durante muitos anos, ele foi protetor de uma casa de estudo, depois ajudante de um professor de escola. Com vinte anos, ele se casou com a irmã do Rabbi Avraham Gerchon de Kitov e viveu longe da cidade, obtendo sua subsistência a partir do trabalho com suas próprias mãos. Ele estudou a Torá escondido, e antes de se revelar, acumulou numerosos conhecimentos tanto da parte revelada quanto da parte escondida da Torá, se esforçando enquanto isso para não revelar para ninguém quem ele realmente era, recusando até que sua grandeza fosse reconhecida e sua alma elevada. Até sua revelação, ele se esforçou para esconder seus vastos conhecimentos e seus comportamentos. Esta revelação ocorreu, a pedido de seu mestre Achya de Chilo, quando ele havia trinta e seis anos de idade.

Suas numerosas peregrinações o conduziram em cidades e aldeias da Podolia, da Wholinia e da Galícia. Lá, ele fazia numerosos milagres. Graças às suas bênçãos ele curava os doentes e ajudava aqueles que tinham necessidade. Foi assim que ele ficou bem conhecido pelo povo todo. Sua chegada em uma cidade era considerada um grande evento. Todos se conscientizaram então que ele era um Tsaddik fora do comum.

Em 5500 (1740), ele se estabeleceu em Meghibug, e os eruditos que dirigiam a cidade, o Rabbi Zeev Kitsés e o Rabbi David Furks, que não gostaram inicialmente de sua chegada, se tornaram rapidamente seus alunos. Logo mais, numerosos discípulos foram até ele de todos os horizontes e seu ensinamento se espalhou amplamente. Foi então que foi fundado o movimento Chassidico, cuja influência sobre o povo judeu foi e é ainda determinante. Quando ele deixou este mundo, já havia mais de dez mil Chassidim.

Seu ensinamento foi baseado no do Ari Zal, Rabbi Itschak Lurya de Tsfat, o qual foi desenvolvido consideravelmente. Ele rejeitou as mortificações e os sofrimentos físicos, condenou a tristeza, estéril no serviço de D'us, e destacou a necessidade de se alegrar, mesmo durante a prova (épreuve). Ele mostrou a grande qualidade dos homens do povo, que dirigem suas orações à Essência de D'us, não tendo conhecimento dos níveis intermediários e glorificou a oração fervente, o entusiasmo em D'us e o êxtase. Ele mostrou também o papel central do Tsaddik, do justo.

Numerosos Chassidim vieram buscar nele a via do serviço de D'us, uma bênção para todas suas necessidades materiais e espirituais. O Baal Chem Tov se preocupava com todos os Judeus, satisfazia a necessidade dos pobres. Ele nunca dormia tendo dinheiro em casa. Ele distribuía aos pobres tudo o que possuía antes da noite.

O amor ocupava um lugar importante no seu ensinamento, amor de D'us, amor da Torá, amor de Israel. Ele não suportava que o povo de Israel fosse vítima de qualquer acusação.

Várias vezes, ele tentou ir para Erets Israel, e chegou em Constantinopla, mas, por diferentes motivos, ele não pode continuar sua viagem. Ele enviou para Erets Israel, seu cunhado, o Rabbi Avraham Guerchon de Kitov, que espalhou seu ensinamento em Yeruchalaïm onde formou numerosos Chassidim.

O Baal Chem Tov não redigiu ele mesmo seu ensinamento. Suas principais obras, Keter Chem Tov e Tsavaat Haribach, foram redigidas por seus discípulos. Ele contou numa carta endereçada ao seu cunhado, que ele sofreu uma elevação da alma, no dia de Rosh Hashana 5507 (1747), e encontrou a alma do Mashiach. Ele o perguntou:

“Quando virás?”

O Mashiach respondeu:

“Aqui está o sinal que lhe permitirá sabê-lo: quando seu ensinamento se propagar e se revelar ao mundo, quando tuas fontes se espalharem pelo exterior, o que eu te ensinei e o que você entendeu por você mesmo, quando todos poderão realizar Unificações espirituais nos mundos superiores e elevações da alma como você faz, as forças do mal desaparecerão e será um momento propício para a salvação.”

Em 5519 (1759), um ano antes de o Baal Chem Tov deixar este mundo, aconteceu em Lemberg, um confronto entre os Rabbanim da Polônia e os chefes de file dos Franquistas. Dentre quarenta grandes Rabbanim, três foram escolhidos para este confronto. O Baal Chem Tov foi um deles. Este saiu vencedor da discussão e o Talmud não foi queimado, como foi pedido pelos franquistas, que tiveram que abandonar o Judaísmo, o que apesar desta grande

vitória, afligi o Bal Chem Tov, preocupado de reaproximar cada Judeu ao Judaísmo, mesmo aqueles que se perderam em crenças estrangeiras.

Ele deixou este mundo em Meghibugh, no segundo dia de Shavuot 5520 (1760), deixando um filho único, o Rabbi Tsvi e uma filha, Odel, mãe do Rabbi Moché Chaim Efraim de Sedlikov e do Rabbi Baruch de Meghibugh. Toda a sua vida foi um tissu de milagres e de maravilhas. Nombre de ceux-ci são consignados no “Chivchei Habaal Chem Tov”, redigido pelo Rabbi Dov Ber Bem Shmuel Choquet, genro do Rabbi Alexander, o Sofer do Baal Chem Tov.

Rabbi Douber, o Maguid de Mézéritch

Sucessor do Baal Chem Tov, o Rabbi Douber, que estruturou a Chassidut, nasceu em Lubavitch, por volta de 5464 (1704), sendo seu pai, o Rabbi Avraham. Ainda criança, percebeu-se que ele havia capacidades fora do comum e ele foi enviado para Lvov, na Yeshiva do “Pné Yochua”. Lá ele acumulou profundos conhecimentos do Talmud.

Depois de seu casamento, ele ensinou a Torá para as crianças numa aldeia e aproveitou para se isolar, se aprofundando no estudo da Kabbala. Ele teve então uma vida com jejuns e mortificações, que enfraqueceram sua saúde. Ele se tornou em seguida um “Maguid”, personalidade central na vida das comunidades desta época. Viajando pelas cidades e aldeias da Podolia e da Wholinia, ele conduziu os Judeus a Techuva a partir de seus comentários e discursos públicos.

Pouco tempo depois, o Rabbi Douber se aproximou do Bal Chem Tov que, de uma só vez se revelou para ele com toda sua grandeza. Ele se tornou seu Chassid e o Baal Chem Tov lhe ensinou os segredos da Kabbala e até mesmo a língua dos pássaros e das árvores.

Um ano após a morte do Baal Chem Tov, o Maguid liderou os Chassidim e se estabeleceu em Mezeritch. Foi de lá que ele delegou seus émissaires junto a todas as comunidades da Europa Oriental, a fim de difundir as idéias da Chassidut. De fato, se o Baal Chem Tov fez numerosas viagens, o Maguid ficou na casa dele. De resto, a Chassidut estava d’ores e conhecida até nas regiões mais afastadas. Mezeritch se tornou então um grande centro, atraindo milhares de Judeus que, tendo conhecimento dos ensinamentos libertados por seus emissaires, estavam desejosos de encontrar o mestre. Assim, o círculo daqueles que estudavam a Chassidut se alargava consideravelmente e, em 5525 (1765), três grandes centros foram criados, um em Lubavitch, dirigido pelo Rabbi Issachar Dov, o segundo em Karlim, dirigido pelo Rabbi Aharon e o terceiro em Horodok, dirigido pelo Rabbi Menachem Mendel de Vitesbk.

Os três livros apresentando o ensinamento do Maguid foram redigidos por seus discípulos, “Maguid Devarav Leyaakov” pelo Rabbi Chlomo de Lutsk, “Or Hatorah pelo Rabbi Ichaya de donivitch e “Or Chaémet” pelo Rabbi Lévi Itschak de Berditchov.

O Maguid de Mezeritch gostava particularmente do Rabbi Shnéor Zalman de Lyadi, seu discípulo. Foi a ele que ele confiou a missão de redigir um Chulchan Ruch. Ele o aproximou também de seu filho, o Rabbi Avraham “o anjo”. Assim, dia após dia, durante vários anos, o Rabbi Shnéor Zalman ensinava a Guemara ao Rabbi Avraham durante três horas, depois, durante mais três horas o Rabbi Avraham ensinava a Chassidut ao Rabbi Shnéor Zalman.

Foi nesta época do Maguid, a partir de 5530 (1770), que os Mitnaguedim, oponentes à Chassidut se fortaleceram. O Maguid, várias vezes, confiou ao Rabbi Shnéor Zalman missões secretas, que o conduziram aos bastiões da oposição. Em 5532 (1772), o Maguid organizou sozinho um confronto público entre Chassidim e Mitnaguedim. As idéias da Chassidut foram defendidas pelo Rabbi Shnéor Zalman, o Admor Hazaken e pelo Rabbi Avraham de Kalisk .

Na véspera de Rosh Rashana 5533 (1773), o Maguid escreveu seu testamento, indicando como deveria ser depois de sua morte o comportamento dos Chassidim em geral e de seu filho, o Rabbi Avraham, em particular. Ele escreveu que “a opinião de meu aluno, Rabbi Zalman, autor do Chulchan Aruch, pode ser considerada como uma pequena profecia. Será preciso, em tout point, se conferer a sua opinião, porque mesmo tendo vivido na época do Baal Chem Tov, sua personalidade teria sido de qualquer maneira notável”. Pouco depois, no dia 19 Kislev 5533 (1733), o Maguid deixou este mundo, em Anipoly.

Os discípulos do Maguid se reuniram depois. Foi decidido que alguns deles, conduzidos pelo Rabbi Menachem Mendel de Horodok, iriam para Erets Israel. O Rabbi Shnéor Zalman acompanhou o Rabbi Menachem Mendel até Mogilev, nas margens do rio Dniester.

Ele foi então encarregado de dirigir os Chassidim da Lituânia e de organizar a defesa da Chassidut contra os ataques dos Mitnaguedim.

Rabbi Shneor Zalman, o Admor Hazaken, o “velho Rabbi”

O *Rabbi Shneor Zalman Barou'hovitch*, filho do *Rabbi Baru'ch* e da *Rabbanit Rivka*, nasceu no dia 18 *Elul* 5505 (1745). Descendente direto do *Maharal* de Praga, a árvore genealógica de sua família vai até o rei David. O *Baal Shem Tov*, que abençoou este nascimento, mostrou aos pais de que maneira a criança deveria ser educada. Sua alma, na verdade, proveniente do mundo de *Atsilut*, desceu até a terra pela primeira vez, com a missão de traduzir seu próprio ensinamento nos termos da razão. Com um ano de idade, a criança já falava como um adulto. Regularmente, o *Baal Shem Tov* estava, a seu pedido, informado de tudo o que se referia a ele.

Desde cedo, as qualidades intelectuais do *Rabbi Shneor Zalman* foram reconhecidas. Com dois anos de idade ele demonstrava uma memória fora do comum e uma inteligência fabulosa. Com três anos, ele foi levado até para o *Baal Shem Tov*, que cortou seus cabelos pela primeira vez e o abençoou. Em seguida, ele não deveria nunca mais revê-lo. Com cinco anos, seu conhecimento sobre a *Tora* era imenso. Ele podia explicar claramente o trecho mais árduo do *Talmud*. Durante seu *Bar Mitsva*, os maiores eruditos o declararam apto para discutir a Lei e lhe atribuíram o título de “*Gaon*” (Gênio).

Ele se casou, em 5520 (1760, com 15 anos), com a *Rabbanit Sternah*, filha do *Rabbi Yehouda Leib Segal* e da *Rabbanit Beila*. O sogro do *Rabbi Shneor Zalman*, um importante erudito da comunidade de Vitebsk, pertencia aos *Mitnaguedim* (oponentes radicais a *Chassidut*) e fez seu genro sofrer, quando este se tornou um *Chassid*. O *Rabbi Shneor Zalman* se instalou na região de Vitebsk e foi induzido, em primeiro lugar, a procurar o bem estar de seus irmãos judeus, os quais foram incentivados a constituir colônias agrícolas. Lá, eles poderiam viver sem os sofrimentos que os não judeus impunham. Também, eles podiam, desta maneira, serem isentos de certos impostos. Para realizar tudo isso ele comprou terras com o dinheiro que ele tinha recebido no seu casamento. Lá, ele estabeleceu numerosas famílias judias e nomeou também professores para ensinar a *Tora* para eles.

De 5518 a 5523 (1758 a 1763, dos 13 aos 18 anos), o *Rabbi Shneor Zalman* estabeleceu as idéias fundamentais de seu sistema filosófico, baseado no amor e no temor de D'us provocados por uma reflexão profunda. Seu ensinamento foi em seguida estruturado a partir da *Chassidut*, sob a ordem do *Maguid* que, primeiramente, recusou-se a orientá-lo no serviço de D'us e pediu-lhe que construísse seu próprio sistema.

Na verdade, ele foi para a casa do *Maguid de Mezeritch* pouco tempo depois, em 5524 (1764, com 19 anos). Ele hesitou num certo momento entre Vilna e Mezeritch, depois, considerando que junto ao *Gaon* consagrava-se ao estudo, o qual ele se aplicava, ele decidiu ir para a casa do *Maguid* a fim de aprender a rezar. Ele se tornou rapidamente seu *Chassid*. Seu mestre o nomeou o *Maguid de Lyozna* em 5527 (1767), depois o encarregou, em 5730 (1770), de redigir o *Chul'chan Aruch* (código das Leis), o qual ele começou imediatamente a compilação.

Depois do desaparecimento do *Maguid*, o *Rabbi Shneor Zalman* introduziu a *Chassidut Chabad* e se alistou na defesa do ensinamento do *Baal Shem Tov*, contestada pelos *Mitnaguedim*. Para este fim, ele fundou, em 5532 (1772, com 27 anos), sua *Yeshiva* em Lyozna. O acesso era reservado para aqueles que já tinham grandes conhecimentos, tanto da parte legislativa da *Tora* quanto da *Kabala*. Em 5534 (1774, com 29 anos), junto com o *Rabbi Mena'chem Mendel de Horodok*, ele foi para a casa do *Gaon* de Vilna, que se recusou em

recebe-los. Ele saiu vencedor em seguida do grande confronto de Minsk, em 5543 (1783), e depois do confronto de Chklov.

Paralelamente, seu ensinamento foi cada vez mais espalhado. Ele redigiu o *Chulc'han Aruch*, cuja primeira parte, as "Leis do estudo da *Tora*", foi publicada em 5534 (1794). No que diz respeito a *Chassidut*, seu sistema de pensamento é mostrado na sua obra monumental, o *Tanya*, "Lei Escrita da *Chassidut*", primeiro difundida sob a forma de manuscrito, depois impressa em 5557 (1797). Além do mais, uma grande compilação de seus comentários é encontrada em dois importantes volumes, "*Tora Or*" e "*Likutei Tora*". O *Tsemach Tsedek*, seu neto, publicou o "*Torá Or*" em 5597 (1837) e o "*Likutei Tora*" em 5608 (1848).

Ele foi vítima de uma denúncia de seus oponentes e delatores judeus. Na verdade, ele era responsável, na Rússia, em coletar os fundos para sustentar a comunidade *Chassidica* da Terra Santa, dirigida pelo *Rabbi Mena'chem Mendel de Vitesbk*. Ora, *Erets Israel* estava nesse momento sob o domínio dos turcos e a Turquia era inimiga da Rússia. Ele foi então preso, em 5559 (1799), no dia seguinte da festa de *Sucot*, e levado para Petersburgo, para a fortaleza *Petropavlov*. Sua prisão semeou a desordem entre os *Chassidim Chabad* e sua primeira reação foi de escrever para eles uma carta interditando qualquer ato de vingança. Ele foi libertado na terça feira 19 *Kislev*, data que se tornou o *Rosh Hachana* da *Chassidut*, um dia que não se fala o *Ta'hanoun*. Em seguida, seu ensinamento se difundiu amplamente. Dois anos mais tarde, ele foi novamente convocado em Petersburgo, no dia seguinte de *Sucot*. Ele foi libertado no meio da Festa de *Hanuka* e deixou Petersburgo no dia 11 *Menachem Av* 5561 (1801) para se instalar em Lyadi.

O *Rabbi Shneor Zalman* se posicionou contra a invasão francesa na Rússia, consciente da influência nefasta que ela tinha sobre os judeus. Perseguido pelo exército de Napoleão Bonaparte, com quarenta mil homens, o *Rabbi* teve que fugir, aconselhado pelo general *Nebrowsky*, e deixar Lyadi, na véspera do *Shabat* que abençoa o mês de Elul 5572 (1812). Com sua família e numerosos *Chassidim*, ele foi de uma cidade para outra e chegou, no dia 12 *Tevet* 5572 (1812) na aldeia de *Pyena*, perto de *Koursk*. Foi lá que ele deixou este mundo, no final do *Shabat*, véspera do domingo 24 *Tevet*. Ele descansa em *Haditch*, perto de *Poltava*.

O *Rabbi Shneor Zalman* teve três filhos e três filhas. Seus três filhos foram o *Rabbi Dov Ber*, que lhe sucedeu, o *Rabbi Haim Avraham* e o *Rabbi Moché*. Todos os três se dedicaram em particular em difundir os escritos de seu pai. Suas três filhas foram a *Rabbanit Freida*, a *Rabbanit Devorah Lea*, mãe do *Tsemach Tsedek*, que ofereceu sua vida em troca da vida de seu pai, em decorrência de uma acusação feita contra a *Chassidut* no Tribunal celeste, e a *Rabbanit Ra'hel*.

O MÊS DE ELUL

Já que o mês de Elul é o mês de preparação para o ano vindouro, (e por isso ele inclui, em potencial, o ano próximo), o serviço divino do povo judeu durante o mesmo se situa num nível muito alto.

Em Licutei Torá, Rabi Shneur Zalman de Liadi, primeiro Rebe de Lubavitch, explica que os treze atributos divinos de Misericórdia são revelados durante todo o mês de Elul. Esta revelação espiritual condiciona o amor e o temor de D'us que o povo judeu sentirá ao longo do ano novo. De fato, "o temor e o amor de D'us não podem ser implantados no coração do homem por seus esforços próprios. Faz-se necessária uma ajuda divina".

O Tsémach Tsédec, terceiro Rebe de Lubavitch, escreve que a única maneira de possuir o amor e o temor verdadeiros de D'us é quando estes são resultantes de uma benevolência divina.

Do mesmo modo, no mês de Elul, a revelação dos treze atributos divinos esta na origem do despertar do amor e do temor de D'us que cada judeu sentirá durante o novo ano. Na verdade, Elul não só prepara o judeu a operar um "despertar de baixo" em Rosh Hashaná, (que, por sua vez, levará a um "despertar de Cima", o qual determinará a natureza do amor e do temor de D'us), porém, mais do que isso, o "despertar de Cima", fator determinante do temor e do amor de D'us durante o ano, já está presente em Elul.

Em um outro discurso, Rabi Shneur Zalman explicou que os treze Atributos do corrente ano afetam apenas "a vida do corpo" (a vida material e física), enquanto que os de Elul influenciam "a vida da alma" (a vida espiritual).

Poderia se fazer a seguinte pergunta: Elul está ligado a um nível de serviço divino muito elevado. Mas os dias deste mês são dias de semana normais. Como então conseguir cumprir um trabalho espiritual tão importante e tão elevado, ficando limitados às nossas atividades e preocupações mundanas?

O Rebe explica este conceito por meio de uma parábola, a do "Rei nos campos". Ele descreve como, antes do rei penetrar na cidade, todos os súditos do reino saem para acolhê-lo no campo e, nesta ocasião, o Rei os recebe a **todos** calorosamente e com um rosto radiante.

De um modo geral, no palácio, apenas uma elite de ministros e de súditos próximos podem se encontrar com o Rei. Entretanto, quando este se encontra no campo, qualquer um pode se aproximar dele e apresentar-lhe os seus pedidos, que, aliás, ele atenderá com alegria.

Durante o mês de Elul, D'us, o "Rei dos reis", encontra-se "no campo". O mundo todo pode se aproximar d'Ele. O essencial é querê-lo. O mesmo Rei, cujo lugar é normalmente no palácio, sai para o campo e se revela para todos. Apesar de estarmos, também, "no campo", não alcançamos o mesmo grau de refinamento daqueles que estão na cidade, não pudemos fazer os preparativos necessários antes de encontrar o Rei em Seu palácio. E apesar disso tudo, durante Elul podemos nos aproximar d'Ele do jeito que somos.

No mesmo discurso, o Rebe continua sua explicação acrescentando outro conceito. A promessa da Torá: "E de lá procurarás o Eterno, teu D'us e O encontrarás" se dirige inclusive para aquele que se encontra num deserto (quer dizer num estado de esterilidade espiritual). Mesmo se ele se encontra entre aqueles que estão perdidos, a esperança permanece sempre.

A verdadeira Tshuvá está ligada ao estudo da Torá. Em conseqüência, devemos acrescentar tempo ao nosso estudo da Torá durante o mês de Elul. Do fato do “Rei estar no campo”, nos é possível fazer Tshuvá e, graças ao estudo, alcançar um estado de perfeição e de plenitude no serviço de D’us.

Elul está composto por duas palavras; “Lo”, com um Alef, significando “não”, e “Lo”, com um Vav, significando “para Ele”.

O Midrash comenta o versículo do Salmo 100: “Ele nos fez e nós somos d’Ele”, do seguinte modo: “Lo” com um Alef significa “não nos criamos a nós mesmos” e “Lo” com um Vav, “com Ele (com D’us), nós completamos nossas almas”. Essas duas explicações representam dois aspectos opostos no serviço divino. O primeiro se refere a um estágio preliminar e se dirige a uma pessoa que deve saber que “não nos criamos por nós mesmos”. O segundo aspecto se refere a um nível superior “Com Ele completamos nossas almas”.

Neste grau, o povo judeu estará inteiro, a Torá será inteira e o mundo alcançará seu estado de perfeição e de realização total, com a vinda de nosso justo Mashiach, em breve e em nossos dias.

Rabbi Chnéor Zalman **(o Admor Hazaken)**

Nascido em 18 de Elul 5505 (1745). Era filho do Rabbi Baruch e de sua esposa, Rivkah, filha do Rabbi Avraham. No seu Bar Mitsva, os Gueonim de sua geração o nomearam "Rav, Tana e habilitado a discutir a Lei".

Em 5520 (1760), ele se casou. Ele entrou para um vigorosa campanha, na qual ele investiu tanto pessoalmente quanto financeiramente, para que os Judeus adotassem atividades agrícolas.

Em 5524 (1764), ele visitou Mézeritch pela primeira vez (com a finalidade de encontrar o Maguid).

Em 5527 (1767) ele se tornou o Maguid de Lyozna.

Em 5530 (1770), ele começou a redigir seu Choulchan Aruch.

Em 5532 (1772), ele definiu a doutrina da Chassidut Chabad e dirigiu (concentrou) seus esforços para os Judeus da região de Vitebsk para persuadí-los de se instalar do outro lado da fronteira, na Rússia.

Entre 5533 e 5538 (1773 e 1778), ele fundou a Yechiva de Lyozna, conhecida como Héder Alef, Héder Beith e Heder Guimel.

Em 5534 (1774), ele foi para Vilna, com o Rabbi Menachem de Vitebsk, para encontrar o Gaon. Este recusou-se de recebê-lo.

Em 5537 (1777), ele acompanhou o Rabbi Menachem Mendel em sua viagem em Terra Santa, até a cidade de Moghilev, nas margens do rio Dniester.

Em 5543 (1783), ele participou da grande disputa de Minsk e saiu vencedor.

Desde 5551 (1791), seus escritos legislativos e Chassídicos começaram a receber uma alta difusão.

Em 5554 (1794), ele fez imprimir seu livro "Hilchot Talmud Torá" (Leis do estudo da Torá).

Em 5557 (1797), ele publicou a Tânia.

Em 5559 (1798), ele foi preso, no dia seguinte da festa de Sucot, depois libertado no dia 19 Kislev.

Em 5561 (1800), ele foi convocado em Petersburg, no dia seguinte à festa de Sucot. No dia 11 Menachem Av (1801), ele deixou Petersburg para ir a Liady, na região de Moghilev.

Na véspera do Shabat que abençoa o mês de Elul 5572 (1812), ele abandonou Liady e teve que fugir, com sua família e numerosos Chassidim. Ele Chegou, no dia 12 Tevet 5573 (1812), na cidade de Pyena, na província de Kursk. Lá, à l'issu do Shabat, véspera do domingo 24 Tevet, ele deixou esse mundo e descansa na cidade de Haditz, perto de Poltava.

*Sua esposa era a **Rabbanit Sterna**, filha do Rabbi Yehouda Leïb Segal e de sua mulher Beïla.*

Seus filhos: 1) O Rabbi Dov Ber (segundo Rabbi de Chabad)

2) Rabbi Haïm avraham

3) Rabbi Moché.

Suas filhas: 1) A Rabbanit Freida, cujo marido foi o Chassid Rabbi elyahou, filho do Rabbi Mordehaï.

2) A Rabbanit Devorah, cujo marido foi o Chassid Rabbi Chalom Chahna, filho do Rabbi Noah

3) A Rabbanit Rachel, cujo marido foi o Chassid Rabbi Avrahm, filho do Rabbi Tsvi Cheïnes.

Seus irmãos: 1) Rabbi Yehouda Leïb

2) Rabbi Mordechai

3) Rabbi Moché

Sua irmã foi a Rabbanit Sarah

*Seu cunhado foi o **Rabbi Israel**, nomeado Reb Israel Kozak, marido de sua irmã, a Rabbanit Sarah*

*Seu cunhado foi o **Rabbi Akiva Fradkin**, de Chlov, marido da irmã de sua mulher, a Rabbanit Sterna.*

Seus livros impressos:

1) Hilhot Talmud Torá (leis do estudo da Torá), 2) Bircot Hanedhenin (leis das bênçãos), 3) a Tânia com sua primeira edição, 4) o Sidur, 5) O Chulchan Aruch, 6) o Bioureï Chazohar (comentários do Zohar), 7) Torá Or, 8) Likouteï Torá, 9) Boné Yerouchalaïm, 10) Maamarim do Admor Hazaken Hanahot Harap, 11) Maamarim do Admor Hazaken

Ethaleh Lyozna, 12) Maamarim do Admor Hazaken 5563 (2 volumes), 14) Maamarim do Admor Hazaken 5564, 15) Maamarim do Admor Hazaken 5565 (2 volumes), 16) Maamarim do Admor Hazaken 5566, 17) Maamarim do Admor Hazaken 5567, 18) Maamarim do Admor Hazaken 5568 (2 volumes), 19) Maamarim do Admor Hazaken 5569, 20) Maamarim do Admor Hazaken 5570, 21) Maamarim do Admor Hazaken Hakestarim (recueil mais breves), 22) Maamarim do Admor Hazaken Al Parachyot Hatorah Vehamodim (sobre as sidrot e as festas) (2 volumes), 23) Maamarim do Admor Hazaken Inyanim (recueil temático), 2) Maamarim do Admor Hazaken, Maamareï Razal (linguagens dos nossos

sábios), 25) Maamarim do Admor Hazaken Nah (Profetas e escritos santos) (2 volumes), 26) Iguerot Kodech (correspondências), 27) Tânia traduzida em Inglês.

Rabbi Shneur Zalman de Lyadi e sua geração

1. O Baal Shem Tov e o Rabbi Shneur Zalman

Era quarta-feira dia 18 Elul 5505 (1745). Quando o *Baal Shem Tov* entrou na casa de estudo, ele estava especialmente alegre. Ele próprio dirigiu a reza nesse dia, com ar de festas. Os *Chassidim* ficaram particularmente surpresos. Eles ficaram ainda mais espantados quando viram que o *Baal Shem Tov* não recitava a reza do “*Tachanum*”. Quando ele anunciou um pouco mais tarde que ele tinha a intenção de fazer uma “refeição de *Mitsva*”, eles entenderam que este dia devia ser excepcional. Mas qual era o motivo dessa alegria? Ninguém ousou perguntar. Depois, o próprio *Baal Shem Tov* deu a explicação.

“Foi na quarta-feira, quarto dia da semana que D’us iluminou o mundo com o sol, a lua e as estrelas. A *Haftara* desta semana começa pelo versículo “Levante-se, Minha luz”. Hoje, D’us ofereceu para o homem uma “nova alma”, que iluminará a escuridão com sua *Tora* e com seu serviço de D’us.”

Foi assim que o *Baal Shem Tov* anunciou a boa notícia. Uma criança tinha nascido, e depois se tornaria famosa por sua grande erudição, por sua *Chassidut* e por seu amor pelo povo judeu. No ano precedente, em *Elul*, um jovem casal de Lyozna, o *Rabbi Baruch* e sua esposa *Rivka*, tinham visitado o *Baal Shem Tov*. O *Rabbi Baruch* fazia parte da “confrérie dos *Tsaddikim* escondidos”, que eram *Chassidim* do *Baal Shem Tov* e tinham a aparência de homens populares para executar as missões que eles recebiam de seu mestre, a fim de trazer uma ajuda material e espiritual para seus irmãos.

O *Rabbi Baruch* era um grande *Tsaddik* e um erudito. Sua mulher era correta, virtuosa e também dedicada ao estudo. Os dois tinham vindo visitar o *Baal Shem Tov* para lhe pedir uma bênção para ter um filho. Sua bênção foi realizada no dia 18 *Elul* seguinte, dia do aniversário do *Baal Shem Tov*, que nasceu nesta mesma data, quarenta e sete anos mais cedo. A criança foi chamada de *Shneur Zalman*.

O *Baal Shem Tov* mostrou aos pais de que maneira eles deveriam educá-lo e, quando o *Rabbi Baruch* veio de noite em ocasião de *Rosh Hachana*, ele fez perguntas a respeito. Foi assim todos os anos, e o pai feliz falou para o *Baal Shem Tov*, quando *Shneur Zalman* completou um ano, que ele falava como um adulto, e quando ele fez dois anos, que ele tinha uma memória fora do comum e uma inteligência excepcional.

Quando a criança completou três anos, ele foi levado para o *Baal Shem Tov* para que ele cortasse seus cabelos pela primeira vez. Depois da reza, ele foi levado

para o quarto do *Tsaddik* que cortou seus cabelos e lhe deu "*Peot*". Em seguida, ele colocou suas mãos sobre a cabeça da criança e o abençoou. Depois, a mãe e o menino voltaram para casa. Durante o caminho de volta a criança perguntou:

"Quem é este homem que cortou meus cabelos, que me deixou *Peot* e me abençoou colocando suas mãos sobre minha cabeça?"

A mãe respondeu:

"É seu avô."

E, na verdade, durante toda sua vida, o *Rabbi Shneor Zalman* dizia "meu avô" quando se referia ao *Baal Shem Tov*.

Quando o *Shneor Zalman* fez cinco anos, seu conhecimento sobre a *Tora* era enorme. Ele era capaz de explicar claramente o trecho mais complicado do *Talmud*. Ele continuou assim seus estudos durante mais dez anos. Suas capacidades fora do comum faziam com que ele assimilasse tudo de maneira clara e não se esquecesse mais. Ele contou mais tarde que ele sofreu ao perceber até que ponto o estudo era fácil para ele, e não exigia nenhuma concentração particular. A impossibilidade de adquirir a *Tora* com esforços lhe fazia falta. Desde muito cedo, ele sentia um amor infinito por cada judeu, fosse ele erudito ou ignorante. Quando ele fez sua *Bar Mitsva*, o jovem *Shneor Zalman* recebeu o título de "*Gaon*".

Ele se casou com quinze anos e se estabeleceu em Vitebsk. Com o dinheiro que ele recebeu em ocasião de seu casamento, ele comprou terras onde instalou famílias judias, para que elas se dedicassem aos trabalhos agrícolas. Durante toda sua vida, ele se inquietou com a subsistência material dos Judeus. Ele escolheu também professores para ensinar a *Tora* para seus filhos. Com quinze anos, o *Rabbi Shneor Zalman* escolheu alguns jovens e ele próprio lhes ensinou a *Tora* e a *Kabballa* durante três anos.

Parece que o *Baal Shem Tov* se escondeu do *Rabbi Shneor Zalman*. Na verdade, ele explicou ao seu discípulo, o *Maguid de Mezeritch*, que ele queria que este viesse vê-lo com iniciativa própria, sem influência exterior. Com vinte anos de idade, o *Rabbi Shneor Zalman* decidiu, com o acordo de sua esposa, a *Rabbanit*, sair de casa para estudar a *Tora* exilado, durante alguns anos. Ele foi então para *Mezeritch* e se tornou o *Chassid do Maguid, Rabbi Ber*. Dois anos mais tarde, ele foi nomeado o *Maguid de Lyozna*. Com vinte e cinco anos, ele começou a redigir seu *Chul'chan Aruch*, a pedido do *Maguid de Mezeritch*. Sua obra, que foi chamada "*Chulchan Aruch do Rav*", fez com que ele fosse reconhecido por todo o povo Judeu como um erudito com grandes conhecimentos.

Quando o *Rabbi Ber, o Maguid de Mezeritch*, deixou este mundo em 5533 (1773), o *Rabbi Shneor Zalman* se tornou chefe dos *Chassidim Chabad*. Uma fase nova e particularmente rica de sua vida começava então. O *Rabbi Shneor Zalman* escreveu muitos livros, cujo mais famoso é o *Tanya*, que é a obra fundamental da *Chassidut Chabad*. Este livro foi impresso pela primeira vez quando o *Rabbi Shneor Zalman* tinha cinquenta e dois anos e já tinha muitos *Chassidim*. Desde então, centenas de edições do *Tanya* apareceram, praticamente em todos os países do mundo.

O *Rabbi Shneor Zalman* deixou este mundo no final do *Shabat*, véspera do dia 24 *Tevet* 5573 (1813). Que seu mérito seja nossa proteção.

2. Em direção a Petersburgo

Toda a cidade de Lyozna ficou estupefata quando soube que o *Rabbi Shneor Zalman* seria preso e levado para Petersburgo para ser ouvido. O pavor substituiu o estupor quando os soldados se posicionaram envolta da casa do *Rabbi*. Ele foi levado para a capital na charrete preta que era usada para levar os condenados, acusados dos erros mais graves e particularmente aqueles que se revoltassem contra o Tsar.

Sob boa vigilância, a charrete foi até Petersburgo. Ele fez o caminho de uma só vez. Era uma sexta-feira e o pôr do sol se aproximava. O *Rabbi* pediu ao chefe dos guardas a autorização para parar num albergue para passar o *Shabat*. Mas o oficial zombou dele.

“Você é um prisioneiro. Com que direito você se permite dar ordens? Nós devemos seguir nosso caminho até Petersburgo, de acordo com as instruções que eu recebi.”

“Entretanto você não pode me obrigar a transgredir o *Shabat*!”

O oficial se fingiu de surdo e disse de uma vez por todas que ele só interromperia a viagem para mudar de cavalos, quando estes estivessem cansados.

O *Rabbi* se calou. Alguns instantes mais tarde, um dos eixos da charrete quebrou e a viagem foi interrompida para que os soldados o consertassem. A viagem continuou mas, algum tempo depois, um outro eixo quebrou. Ele foi também consertado e, um pouco mais adiante um cavalo caiu e morreu.

Vendo tudo isso, o oficial se conscientizou das forças sobrenaturais do *Rabbi* e não ousou mais negar um refúgio para ele. Ele mandou que o cocheiro procurasse um albergue para que o *Rabbi Shneor Zalman* pudesse passar o *Shabat*.

3. Na prisão

No final do *Shabat*, a viagem foi retomada para Petersburgo. Lá, o *Rabbi* foi colocado, em segredo, numa cela reservada para os condenados, acusados dos crimes mais graves. Quando ele ficou sozinho ele começou a rezar e a estudar a *Tora*.

Ele estava no meio de sua reza quando a porta se abriu. Um representante do ministro, encarregado pessoalmente do negócio, entrou na cela. Vendo o *Rabbi* rezar, ele sentiu que estava diante de um homem santo. Emocionado, ele ficou em pé durante um bom momento e contemplou o *Rabbi* que rezava. Em seguida, ele se dirigiu ao *Rabbi* com um grande respeito. Ele percebeu rapidamente que um homem como este não poderia ser um criminoso perigoso, que conspirasse contra o Tzar.

O homem, que conhecia a Bíblia e o Judaísmo, perguntou ao *Rabbi*:

“Tem alguns versículos da *Tora* que eu leio e releio sem compreendê-los realmente. Desse modo, quando Adão fez um erro e se escondeu, D’us lhe chamou e lhe perguntou:

“Onde você está?”

Estou aqui, ele respondeu”.

Qual é o sentido dessa pergunta divina? D’us não sabia onde estava o homem?”

O *Rabbi* lembrou o comentário do *Rashi* sobre este versículo mas o representante do ministro falou que ele conhecia esta explicação. Ele queria, entretanto, saber a interpretação do próprio *Rabbi*.

“Você acha que a *Tora* é eterna, que ela transcende o espaço e o tempo?”

“Eu acho”.

“A explicação é a seguinte. Quando um homem atinge uma certa idade (e o *Rabbi* citou a idade exata de seu interlocutor), D’us se dirige a ele e lhe faz uma pergunta:

“Onde você está?”

Qual é a sua situação moral? Você sabe porque motivo você foi criado na terra? Qual é a missão que você recebeu? E, o quê que você já realizou?”

4. A visita do Tzar

Esse importante funcionário ficou muito impressionado com a resposta do *Rabbi* sobre sua pergunta. Ele foi chamado pelo Tzar para prestar contas de sua entrevista e lhe contou o que tinha ocorrido com este estranho prisioneiro. O Tzar ficou intrigado e decidiu ir se encontrar com o *Rabbi Shneor Zalman*. Entretanto, ele não queria que sua visita se tornasse pública e decidiu não revelar quem ele era. Ele colocou então roupas simples e entrou na cela.

Quando o Tzar entrou, o *Rabbi* se levantou e recitou a bênção que é dita na presença dos reis. Ele lhe concedeu a maior honra e o Tzar não tinha mais nenhuma dúvida de que o *Rabbi* o reconheceu, mesmo que ele tivesse tentado esconder sua identidade.

“Como é que você sabe quem eu sou?”

“A realeza terrestre é a imagem da realeza celeste, respondeu o *Rabbi*. Desde que você entrou, eu senti que estava diante de um rei. Eu nunca tive uma sensação como esta diante dos empregados da prisão ou dos juízes.”

Rapidamente o Tzar percebeu que as acusações contra o *Rabbi* não tinham fundamento. Ele pediu que ele fosse libertado e o autorizou também a continuar seu ensinamento da *Chassidut* como antes. Foi na terça-feira dia 19 *Kislev* que o *Rabbi* ficou sabendo que estava livre. Ele estava nesse momento lendo os *Tehilim* e recitava exatamente o versículo “Ele liberou minha alma em paz”. Isso aconteceu em 5548 (1799). A partir desta data, muitos judeus festejam todo ano o dia 19 *Kislev* como sendo a “festa da libertação” e “o *Rosh Hachana da Chassidut*”.

Além dos esclarecimentos que eles obtiveram com as perguntas diretamente ligadas ao julgamento, os juízes tiveram a ocasião de perceber a grande sabedoria do *Rabbi* em diferentes áreas. Assim, eles o trancaram uma vez num quarto escuro. Apenas a luz fraca de uma vela o iluminava. Os raios de sol e a luz do dia não entravam de maneira nenhuma. Dessa maneira eles queriam saber se o *Rabbi* saberia diferenciar o dia da noite. Um dia, às duas horas da tarde, eles lhe perguntaram:

“Porque você não vai dormir? São duas horas da manhã!”

“Está errado, respondeu o *Rabbi*, são exatamente duas horas e cinco da tarde.”

“Como é que você consegue saber com tanta precisão?”

“Por que cada hora do dia corresponde a uma combinação diferente do Nome Divino *Avaya*, e cada hora da noite à uma Combinação do Nome *Adonai*. Graças a estas Combinações, podemos determinar a hora precisamente.”

5. Cacherout na prisão

O *Rabbi Shneor Zalman* foi preso na fortaleza Petropavlov. Mas ninguém sabia onde ele estava nem se ele ainda estava vivo. Entretanto, D'us deu aos *Chassidim* de Petersburgo o meio de descobrir o lugar onde o *Rabbi* estava encarcerado.

Uma vez, o representante do ministro disse ao *Rabbi*:

“Eu gostaria de fazer um serviço para você, mesmo que ele seja pouco importante. O quê que eu posso então fazer por você?”

“Você poderia dizer para minha família que eu ainda estou vivo?”

“Como é que eu conseguirei fazer isso? Teus difamadores não são Judeus? Se eu me dirigir a um judeu, como é que eu vou saber se ele é um *Chassid* ou um oponente da *Chassidut*?”

“Se você encontrar um homem usando roupas desemparelhadas, fique sabendo que se trata do meu cunhado que se chama *Israel Kasik*. Antes de ser preso, eu mandei que ele fosse logo para Petersburgo. Eu tenho certeza que ele me obedeceu.”

O representante ficou particularmente impressionado com a afirmação do *Rabbi Shneor Zalman*. Ele prometeu transmitir o recado e manteve a palavra. Ele percorreu as ruas da cidade e encontrou um homem que correspondia com a descrição de *Israel Kasik*. Ele lhe perguntou:

“Como é que você se chama?”

O *Rabbi Israel* tinha viajado com um passaporte de outra pessoa. Ele deu então o nome que estava no passaporte, e o importante funcionário lhe disse:

“Mentiroso!”

Depois, ele se foi.

O *Rabbi Israel Kasik* ficou muito espantado com o que tinha acontecido. Ele se abriu com os *Chassidim* e eles concluíram que alguma coisa estava por trás disso. Eles decidiram que o *Rabbi Israel* andaria pelas ruas no dia seguinte. Se ele encontrasse novamente esse homem, ele lhe diria seu verdadeiro nome. Foi o que aconteceu. O funcionário visitou o *Rabbi* e lhe disse que ele tinha encontrado um

homem que correspondia com a descrição de seu cunhado, mas que tinha um outro nome. O *Rabbi Shneur Zalman* percebeu que ele tinha pego um passaporte emprestado e pediu que ele tentasse encontra-lo mais uma vez.

O homem aceitou. Percorrendo as ruas da cidade, ele encontrou *Israel Kasik* e lhe perguntou seu nome. O cunhado do *Rabbi* evitou falar sua verdadeira identidade e o homem não respondeu. Ele andou lentamente e o *Rabbi Israel* o seguiu. Ele foi para sua casa e entrou. O *Rabbi Israel* ficou do lado de fora. De repente, uma melancia caiu da janela. O *Rabbi Israel* percebeu que era para ele. Ele a pegou, e foi até a casa de um dos *Chassidim*. Lá eles a abriram e encontraram um papel escrito a mão pelo *Rabbi*:

“Ouça Israel, Nosso D’us é eterno, o eterno é Um.”

Eles ficaram sabendo então, graças a D’us, que o *Rabbi* estava vivo e que a esperança se mantinha. Todavia, eles não sabiam ainda onde o *Rabbi* estava preso. Eles só ficaram sabendo alguns dias mais tarde.

Na verdade, o *Rabbi* não comia há vários dias, pois não tinha comida kosher. O responsável pela prisão pensou que ele temia o julgamento e estava fazendo jejum para morrer. Ele pediu várias vezes que ele comesse, e como ele não o escutava, ele enviou soldados para obriga-lo a comer. Mas o *Rabbi* fechou fortemente sua boca e eles não conseguiram realizar sua missão. O representante do ministro chegou na hora e assistiu à cena.

“O quê que está acontecendo aqui? Ele perguntou. Não podemos forçar um homem como este. Temos que tentar convencê-lo.”

Ele se virou para o *Rabbi* e perguntou:

“Porquê você não está comendo? É possível que você se livre de qualquer acusação no julgamento. É até mesmo muito provável. Se você se recusar a comer, você será responsável pela sua própria morte e, segundo a Lei de Israel, você não terá lugar no mundo futuro.”

“Se eu te der comida kosher, eu posso confiar em você?”

“Nesse momento eu não preciso de comida, pois meu estômago está fraco por causa do jejum. Eu preciso de um fortificante. Se você me der um remédio preparado por um judeu, eu comerei.”

“Posso confiar em você se eu o trouxer?”

“Se você o receber das mãos de um judeu e que ninguém além de você o toque até ele chegar até mim, eu o comerei.”

Em Petersburgo, a capital, morava um dos maiores *Chassidim*, o rico *Rabbi Mored hai de Lyéplé*, que todos os ministros respeitavam por sua honestidade e sua maneira correta. O funcionário pediu que ele preparasse um remédio kosher, destinado a um Judeu. O *Rabbi Morde hai* teve o pressentimento que se tratava do *Rabbi Shneur Zalman*. A quem mais este remédio seria destinado? Ele preparou então o remédio e colocou, entre este e o prato, um papel no qual ele escreveu:

“Para quem é esse remédio? Onde está seu destinatário?”

Ele assinou em seguida seu nome. O representante do ministro pegou o prato, com seu conteúdo e o levou para o *Rabbi* que achou o papel. Ele comeu o que estava no prato mas deixou um pouco. Ele colocou um papel no qual ele escreveu:

“Eu sou aquele que está comendo e estou em Petropavlov”.

Depois ele pediu que o funcionário trouxesse outra vez esse remédio. O homem devolveu o prato ao *Rabbi Morde'hai* que achou o papel. Todos os *Chassidim* ficaram então aliviados e o *Rabbi Morde'hai* preparou um outro remédio para o *Rabbi*.